

# Guardião de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina

Paulo César Boni  
Maria Luisa Hoffmann

## RESUMO

A partir de lembranças individuais de um pioneiro da cidade de Londrina, Omeletino Benatto, este estudo visa contribuir com a discussão sobre memória – e sua preservação –, identidade e pertencimento. Para tanto, foram selecionadas três imagens da época da colonização descritas textual e oralmente pelo pioneiro, sob a experimentação metodológica da fotografia como “gatilho detonador da memória” e com o apoio da técnica da história oral. Essas imagens e descrições apontam para uma relação de pertencimento do entrevistado com o lugar, onde ele identifica-se, orienta-se e habita. Para a análise são abordados os conceitos de lugar, de Augé (1994), topofilia, de Tuan (1980) e considerações de autores como Schutz, Lynch, Kossoy, Le Goff e Marques, sobre história, fotografia, cidade, e preservação da memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Documental - Londrina (PR). Comunicação visual. Fotografia. Fonte de Pesquisa. Gatilho da memória. Lugar de pertencimento.

## 1 Introdução

A partir da década de 30, quando a expressão “fotografia documental” foi utilizada pela primeira vez nos Estados Unidos, a imagem fotográfica adquiriu *status* de documento histórico e, atualmente, está sendo alçada à condição de fonte de pesquisa, em razão de permitir desvendar aspectos que não ficam claros em outras formas de registro. Por meio da imagem é possível recuperar memórias e detalhes da própria história.

No registro imagético, a relação entre os signos e os significados não é pré-estabelecida. Os códigos, abertos e contínuos, possibilitam que cada leitor tenha sua própria interpretação da imagem e, por se tratar de uma representação, o registro é impregnado por ideologias e pelo olhar do fotógrafo.

Sendo assim, a fotografia carrega muitos sentidos e deve ser utilizada de modo criterioso em trabalhos científicos. Neste trabalho, a imagem fotográfica é utilizada como um gatilho disparador da memória e instrumento para identificar as relações do sujeito com o lugar. A antropologia, suas denominações e conceitos são utilizados para dar consistência às análises das relações do sujeito com a imagem da cidade, assim como obras que a relacionam com a memória, a identidade e a preservação. Ao olhar uma fotografia de determinada época, o indivíduo não vê apenas o lugar fotografado. Uma série de outros dados lhe vem à mente, informações que se desencadeiam na memória, relações com o que foi fotografado e circunstâncias vivenciadas. Detalhes significativos que em entrevistas, ou em descrições escritas, poderiam não ser lembrados.

Para a análise foi selecionado um pioneiro<sup>1</sup> de Londrina, o Sr. Omeletino Benatto, que chegou à região em 1934, ano da emancipação e instalação do município. Ele participou ativamente da vida social da cidade e mantém uma relação íntima com imagens da época da colonização (décadas de 30 e 40), conservando uma série de álbuns e matérias sobre o período. Para tanto, em via de mão dupla, busca – e fornece – informações no e para o Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

O objetivo central deste trabalho, de caráter antropológico, é discutir como o sentimento de pertencimento ao lugar se evidencia por meio de uma ferramenta da comunicação, a fotografia. Portanto, neste caso, a fotografia foi utilizada como um instrumento da proposta metodológica do “gatilho da memória” e como facilitadora para a organização da narrativa do entrevistado.

## 2 Preservação da memória

Considerando que a vivência no lugar e a preservação da memória são fundamentais na consolidação da identidade, o presente trabalho visa, por meio das fotografias selecionadas, identificar e

<sup>1</sup> O termo pioneiro, utilizado neste trabalho, não tem nenhuma conotação de exaltação. Segue orientação do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que estipulou que o termo só pode ser atribuído a quem nasceu ou chegou à cidade até o dia 31 de dezembro de 1939.

analisar a relação do pioneiro Omeletino Benatto com a cidade de Londrina. As técnicas da história oral e da fotografia como gatilho disparador da memória serão utilizadas para obter novas informações sobre as imagens selecionadas. Alguns desses dados ainda não são de conhecimento público e o próprio museu histórico da cidade, que tem a posse de grande parte desses registros imagéticos, não tem conhecimento de quem são os personagens fotografados.

Pesquisas com fontes primárias, neste caso as entrevistas com o pioneiro, são importantes vertentes para a recuperação da memória. No entanto, não basta recuperar: é preciso disponibilizar e democratizar a memória, torná-la acessível. Neste sentido, torna-se imprescindível a interdisciplinaridade de diversas áreas do conhecimento com a Ciência da Informação, prática crescente nas últimas décadas. Marques (2010, p. 108) lembra que

[...] a informação histórica, quando é ostensiva e disponível aos pesquisadores, estudantes e ao público em geral, proporciona o acesso não só à história da instituição como também à sua trajetória de atuação e a sua relação com a comunidade onde está inserida.

O autor, arquivista e professor da Universidade de Brasília, lembra que: “[...] as pessoas têm o costume de guardar e preservar registros da sua vida e de seus antepassados como forma de lembrar aquilo que foi vivido e mostrar para as gerações futuras, de alguma forma, a história da família.” (MARQUES, 2010, p. 114) É o caso de Omeletino Benatto e sua relação com Londrina. Com mais de 80 anos de idade, ele diz sentir necessidade de organizar suas “memórias fotográficas” e deixar um legado para as futuras gerações. Assim como ele, centenas de outras pessoas e dezenas de instituições na cidade de Londrina estão despertando para a mesma necessidade: preservar as memórias individuais e coletivas. Marques (2010, p. 114) afirma que a “[...] necessidade de preservação da memória institucional, que não se restringe apenas aos documentos tradicionais, causou uma extrema revolução na maneira de atuação das unidades de informação que tratam de alguma forma da memória.”

Em sua dissertação de mestrado, o jornalista Célio Costa (2011, p. 80) chama à atenção a importância de conhecimento de práticas e métodos arquivísticos para o arquivo de imagens fotográficas: “A classificação e conservação de fotografias têm despertado interesses crescentes no campo arquivístico. Não sem justa causa, pois o arquivamento de imagens constitui um campo de relevante importância para as pesquisas.” Contudo, Marques, apesar de destacar o papel de organizações públicas e privadas em iniciativas como a criação de *Centros de Memória* ou *Centros de Pesquisa e Documentação*, adverte para a necessidade de políticas definidas e duradoras de preservação da memória, pois:

Embora um programa voltado à preservação da informação histórica e da memória institucional tenha uma inegável importância para qualquer organização, observa-se que não existe uma padronização das atividades e dos objetivos das unidades de informação voltadas à memória (MARQUES, 2010, p. 107).

### 3 Fotografia, cultura e memória

Fotografia é memória e com ela se confunde (KOSSOY, 2005, p. 40). A memória, por sua vez, é indispensável para a formação da identidade. “[...] A identidade é imprescindível para uma nação conhecer seu passado, entender o presente e planejar o futuro.” (BONI, 2009, p. 9-10). Dessa maneira, recuperar o passado é uma garantia de dar um sentido para o presente.

Existe uma relação de interdependência entre a cultura e a memória de determinado povo. A cultura, para perpetuar-se, precisa ser transmitida por meio das memórias, e esse processo de transmissão de histórias e da experiência pode ser tido como um costume na convivência do grupo, como um modo de preparar os indivíduos para o futuro. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1996, p. 477).

Apesar de ser um processo carregado de imprecisões, reconstruções e distorções, já que lida com o subjetivo, e apesar de ainda gerar uma série de polêmicas, a memória e os microrrelatos são utilizados atualmente como instrumento para recuperação histórica. O testemunho oral daqueles que vivenciaram os fatos, começou a ser reconhecido em meados do século passado no meio acadêmico, e uma de suas razões é a presença do passado no presente imediato das pessoas. Por meio dele, é possível esclarecer dúvidas, comprovar evidências únicas, verificar discrepâncias entre fontes e fazer conferências, o que não é possível conseguir por meio de um livro, por exemplo.

Os depoimentos apontam para a realidade fruto da experiência, uma criação de sentimento e pensamento do sujeito, e a memória individual narrativa deve ser encarada como uma construção, uma seleção de impressões e acontecimentos. Neste trabalho, as entrevistas não têm roteiro elaborado. O entrevistado, Omeletino Benatto, teve liberdade para expressar suas percepções pessoais com o intermédio de fotografias de seu acervo, coletadas em livros, matérias jornalísticas e obtidas com outros pioneiros da época.

#### 3.1 Gatilho disparador da memória

A proposta metodológica da imagem fotográfica como “gatilho disparador da memória”, que vem sendo utilizada em projetos de pesquisa na Universidade Estadual de Londrina, su-

gere que fotografias sejam apresentadas ao entrevistado, durante a entrevista, para que novas lembranças lhe venham à memória. O objetivo é consolidar a proposta como metodologia de pesquisa, pois, ao trazer novas lembranças à tona, a imagem ajuda o sujeito entrevistado a reorganizar suas memórias e suas narrativas.

É importante observar também que a fotografia auxilia na recuperação de parte da história, pois representa o que foi fotografado e “visível” na cidade. As relações de associação se desenvolvem na mente e na memória do entrevistado, fazendo com que ele, ao mesmo tempo, revise e reflita sobre suas recordações.

### **3.2 Fotografia, cidade e memória**

Ao longo da história, as fotografias urbanas retrataram – de modo abrangente ou fragmentado – a vida da cidade, seu crescimento e sua arquitetura. Em alguns casos, os fotógrafos eram contratados pelo poder público e as imagens eram feitas sob encomenda, para obtenção de registros de obras contratadas a intervalos regulares.

Em Londrina, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), empresa inglesa que colonizou a região, contratava fotógrafos com o intuito de produzir imagens que, divulgadas em outros lugares, atrairiam novos compradores e moradores. Dessa maneira, as fotografias das primeiras décadas da cidade retratavam as árvores majestosas e, conseqüentemente, a qualidade do solo, as primeiras construções e a infraestrutura do local. A empresa também produzia álbuns distribuídos entre seus agenciadores, que viajavam pelo país e pelo exterior à procura de compradores.

Centenas dessas imagens – inclusive os originais das cópias em mãos do pioneiro Omeletino Benatto – são mantidas no acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que possui aproximadamente 50 mil peças entre fotografias, álbuns fotográficos, negativos de vidro e flexíveis e filmes de 16mm e 35mm. A disponibilização desses registros pelo setor de documentação do museu tem auxiliado de forma consistente o trabalho de estudiosos e pesquisadores na recuperação e acréscimo de informações históricas sobre a cidade de Londrina e a região norte do estado do Paraná.

## **4 A Fotografia como ferramenta de estudos antropológicos**

Para a análise, serão abordados os conceitos antropológicos de lugar e não-lugar, trabalhados por Augé (1994). Na acepção da antropologia, o lugar é tido como um local de pertencimento, no qual o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Em oposição, o não-lugar é o local onde o sujeito não se reconhece, ou não se identifica; são locais de passagem, impessoais.

O lugar se define por uma estabilidade mínima entre identidade e relação. “O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente.” (AUGÉ, 1994, p. 74).

O autor considera ainda que os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações do indivíduo, com ele mesmo e com os outros, que só dizem respeito indiretamente a seus fins, como por exemplo, em relação a espaços constituídos para transporte, comércio e lazer. “Assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária.” (AUGÉ, 1994, p. 87).

Tuan (1983, p. 6) distingue os conceitos de espaço e lugar, quando afirma que o espaço é mais abstrato, e o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Segundo o pesquisador “[...] o espaço não é uma idéia, mas um conjunto complexo de idéias [...] o lugar é um espaço estruturado” (TUAN, 1983, p. 211). Isso significa que o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que temos do mundo e as ideias de lugar e espaço não podem ser definidas uma sem a outra.

O espaço é amplo, desconhecido, temido, enquanto o lugar é recortado afetivamente, emerge da experiência, é um “[...] mundo ordenado e com significado” (TUAN, 1983, p. 65). Humanizado, o lugar pode ser o lar, a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência, identidade, estabilidade e segurança. O espaço é transformado em lugar nas experiências cotidianas e é carregado de valores simbólicos.

Já o termo habitar pode referir-se às relações do homem com o lugar, um local de pertencimento. “Habitar pressupõe, antes de tudo, uma *identificação* com o ambiente. Embora orientação e identificação sejam aspectos de uma relação total, esses fatores mantêm certa independência no interior da mesma totalidade.” (SCHULZ, 2006, p. 456, grifo do autor). Ao orientar-se, o homem deve ser capaz de saber onde está, enquanto identificar-se implica em saber como está em determinado lugar.

Ao apresentar-se, por exemplo, um indivíduo diz *sou brasileiro*, ou *sou paulista*, o que aponta para a relação da sua identidade com o lugar de pertencimento. “A identidade humana pressupõe a identidade do lugar.” (SCHULZ, 2006, p. 457). O ambiente é, conseqüentemente, portador de significado e a identidade das pessoas se desenvolve, de certa maneira, em função dos lugares.

## 5 Relação entre sujeito, percepção e cidade

A realidade é fruto da experiência, criação de pensamento e sentimento do sujeito. Já a percepção é o processo mental de interação do homem com o seu ambiente. Os estímulos são apreendidos

pelos sentidos e recebidos pelo cérebro, num processo cognitivo. As informações processadas e a percepção funcionam de modo cíclico, em uma retroalimentação de experiências, permitindo obter novas informações que podem influenciar vivências futuras.

Elementos como pontos referenciais já observados, por exemplo, auxiliam e facilitam a escolha de caminhos futuros e estão diretamente ligados à capacidade de ir e vir do sujeito em sua cidade. Já o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico é denominado topofilia, que seria uma aparente simpatia com o mundo vivenciado, e pode ser descrita como sentimento positivo pelo ambiente, que faz o indivíduo senti-lo e experimentá-lo com prazer. Tuan (1980, p. 106-114), descreve topofilia como sendo a “[...] compreensão de todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material [...]”, sendo que, a consciência do passado é um elemento importante no desenvolvimento do amor pelo lugar.

Kevin Lynch (1997, p. 12-13) trabalha a percepção da cidade relacionada à conduta e à identidade. Ele se baseia em alguns conceitos, dentre eles o da imageabilidade, que é a qualidade que define se um objeto físico tem maior probabilidade de ser percebido e de evocar uma imagem forte em qualquer observador. A imageabilidade facilita a criação de imagens mentais identificáveis e contribui para intensificar a imagem da cidade, como por exemplo, locais com uma ponte, uma grande rua ou avenida, pontos focais etc. Além disso, se o indivíduo cria um hábito ou desenvolve uma atividade relacionada a uma rua ou via, ela pode tornar-se importante aos seus olhos.

Assim como a ideia de nação perpassa a formação da identidade, socialmente e culturalmente construída, e apesar do enfraquecimento das identificações da cultura nacional, a percepção dos lugares de vivência e da cidade influenciam os processos identitários. Cada pessoa produz uma série de associações com algumas partes de sua cidade, e a imagem de cada uma está impregnada de lembranças e significados. Os habitantes não são meros observadores, mas sim “parte” do lugar, e uma boa imagem do ambiente lhes oferecem um importante sentimento de segurança emocional.

Com essa segurança, o sujeito pode estabelecer uma relação harmoniosa com o mundo à sua volta, em oposição ao medo da desorientação, que pode ser gerado pelo excesso de mudanças e significados ou pela falta de mudança e ausência de significados. Além disso, pontos referenciais e ícones também podem suscitar memórias por sua importância para a cidade e para seus cidadãos. No dia a dia servem como pontos de identificação de um trajeto ou percurso, como, por exemplo, grandes construções, prédios significativos como hospitais e escolas, cruzamentos importantes e monumentos.

## 6 Omeletino Benatto e Londrina: histórias que se cruzam

Para facilitar a compreensão das informações contidas nos depoimentos, muitas vezes relacionadas a acontecimentos familiares, faz-se necessário um panorama sobre a origem do entrevistado.

Omeletino Benatto chegou a Londrina com quatro anos de idade, em 1934, oito meses antes do município ser emancipado politicamente. O pioneiro vivenciou a inauguração de estabelecimentos, a chegada de grupos de pioneiros e a vida em comunidade. Ao chegar, passou por várias escolas primárias, mas não completou os estudos. Frequentou um grupo escolar onde funcionou o primeiro correio da cidade. Em 1938, foi pegador de bolas num campo de tênis dos funcionários da Companhia de Terras Norte do Paraná, local onde hoje está situada a Biblioteca Pública Municipal.

Quando tinha dez anos, conseguiu seu primeiro emprego na agência Chevrolet e, em um ano, obteve registro em carteira. Foram trinta anos trabalhando na empresa, da qual chegou a ser acionista. Atualmente, é tesoureiro da Santa Casa de Londrina, e participa da mesa administrativa do hospital desde 1988. Mora, até hoje, na casa construída por seu pai, no final da década de 1930, na região central da cidade.

Para este estudo, foram selecionadas três imagens de seu acervo pessoal com descrições escritas feitas pelo próprio pioneiro (muitas dessas fotografias são cópias cujos originais estão no Museu Histórico) e realizadas duas entrevistas<sup>2</sup>, nas quais se solicitava que o pioneiro falasse mais sobre os lugares e as pessoas retratadas.

## 7 Relação entre sujeito, memória e pertencimento

Na narrativa do sujeito, as histórias são revisitadas e as imagens fotográficas fixam um espaço-tempo de vida e de trabalho. Walter Benjamin (1994), em sua crítica à modernidade, evidencia o caráter central da memória na recomposição da experiência humana: onde há experiência, entra em conjunção a memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. A narração articula a memória ao ato de lembrar e torna comunicável a experiência, permitindo também a reflexão sobre o acontecimento descrito.

Para facilitar o reconhecimento das informações referentes às imagens, quando a citação fizer referência às descrições do álbum de Omeletino Benatto, será assinalada como “descrição escrita”. Em depoimentos orais, o pioneiro acrescentou uma série de informações relevantes sobre aquilo que foi fotografado e sobre outros assuntos rememorados por meio de elementos presentes

<sup>2</sup> Foram realizadas, no total, seis entrevistas com o pioneiro. Em duas delas, ele foi abordado com o auxílio da imagem fotográfica. Nas demais, foram levantados dados sobre a biografia e a história da família.



na imagem. Quando as citações fizerem referência a esses depoimentos, serão marcadas com o termo “entrevista”.

O primeiro ponto a ser destacado foi o entrevistado afirmar que possui uma lembrança fotográfica, ou seja, a lembrança que tem como base um meio. “Agradeço a Deus pelo fato de dar-me uma lembrança fotográfica, pois o que os meus olhos veem, quase nunca esqueço.” (BENATTO, 2010b)<sup>3</sup>. Segundo Leite (2005, p. 35) a memória não filma, fotografa. Os indivíduos guardam fotografias mentais dos acontecimentos e não movimentos contínuos, e mesmo quando são muito curtos, os gestos não aparecem em sua duração, mas fixos em uma fração de segundo. Na figura 1, o entrevistado detalha, em uma fotografia panorâmica de Londrina, a localização e descreve os moradores das construções registradas.

■  
<sup>3</sup> Informação verbal. Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 21 de julho de 2010.

Descrição escrita:

Na foto uma imagem do centro de Londrina no ano de 1938 ou 1939. Os pontos assinalados mostram: 1) a residência de Antônio Benatto de 1933 a 1941, na rua Minas Gerais [atual Souza Naves] com Piauí; 2) campo ou quadra de tênis dos funcionários da Companhia; 3) Escola Alemã - nesse local fui aluno e aprendi umas poucas palavras em alemão, que não sei mais, a não ser contar em alemão de 1 a 10. No mesmo local onde hoje está a Escola Estadual Evaristo da Veiga na rua Goiás com a rua Mato Grosso; 4) na pequena casa de madeira funcionava a delegacia de polícia do delegado “tenente Pimpão” aquele que mandava dar “sal amargo” aos presos e banho no rio Tibagi, assunto muito conhecido na época e ainda lembro até hoje.

Omeletino Benatto parece querer situar o interlocutor da localização dos lugares fotografados e citados, considerando de grande importância a lembrança dos nomes, dos sentidos das ruas e utilizando pontos de referência para informar o que funciona no local atualmente. Os pontos de referência fazem com que a identificação e a escolha de caminhos se tornem mais fáceis, e para que a cidade seja um lugar é necessário que o sujeito crie relações com o ambiente e com seus significados.

Quando a mesma imagem foi apresentada na entrevista, novas recordações foram detalhadas, ou seja, em diferentes momentos, a mesma fotografia pode evocar diferentes lembranças. A fotografia, aliada à história oral, enriquece o discurso e suscita a memória do entrevistado, tornando as informações mais ricas em detalhes. As narrativas do cotidiano das pessoas comuns se realizam como história e as memórias recriam o sentido das imagens e refazem os sentidos da experiência. Com a imagem em mãos, ele falou sobre os elementos fotografados.

Figura 1: Imagem da cidade de Londrina



**Fotografia:** José Juliani, ano desconhecido

**Fonte:** Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Entrevista:

Você olhando do alto da igreja primitiva em madeira, que hoje tem uma réplica no pátio da universidade. Nessa parte aqui, aqui era a [avenida] Rio de Janeiro, aqui era o correio, mais ou menos aqui está a Casa da Criança, onde hoje é a Secretaria da Cultura. Esse aqui é a casinha do campo de tênis [assinalado em vermelho], essa aqui é a quadra de tênis. Tinha um tapume de um lado, tapume do outro, onde a bola batia e não ia para o pátio. (BENATTO, 2010a).<sup>4</sup>

■ Informação verbal. Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 23 de junho de 2010.

Quando criança, o entrevistado trabalhou como pegador de bolas na quadra de tênis que cita. Talvez por isso, a estrutura esteja tão clara em suas lembranças. Sua memória apreendeu aquilo que para ele tem significado, e as lembranças de hoje são permeadas por relações com o fato e com o lugar vivenciado, ao qual foi conferido importância. Existe ainda uma ligação entre o trabalho e o lugar de pertencimento, já que esse é local de vivência, onde o sujeito se reconhece. É também no trabalho, e por isso no local do trabalho, que na velhice, ele reconhece sua história.

Continuação entrevista:

Aqui, essa casa foi mandada construir pelo engenheiro agrônomo Ulisses Medeiros, aqui morou a família de pernambucanos da Dona Regina e aqui a família seu Henrique Davi dos Santos. Ele desativou essa casa como residência dele em 37 e foi morar na Viação Velha, num sítio. Essa aqui é a casa que eu morei [quando veio para Londrina, assinalada em azul], aqui em frente é o edifício Karan. Aqui era a escola alemã [assinalado em amarelo] e aqui mais tarde morou o Dr. Ulisses Medeiros, que foi para Paranavaí. Ele era ligado à família do Dr. Alexandre Beltrão, que loteou a cidade de Iporã, tem um filho, Dr. Lauro Beltrão. O Dr. Ulisses era tio do Dr. Lauro. Aqui morava a família Paglia [assinalado em verde], onde mais ou menos é o Hotel Coroados, foto do José Juliani. (BENATTO, 2010a).<sup>5</sup>

As expressões “essa aqui”, “aqui, essa casa”, “aqui em frente” apontam que o registro fotográfico facilita a lembrança de alguns lugares e traz à mente a imagem da cidade de antigamente. O sentido de localização, a sensação de identificação com o ambien-

■  
5 Informação verbal. Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 23 de junho de 2010.

te e a sintonia gerada faz com que o ser humano pense: “estou aqui”, “vou para lá”, e um pressupõe a existência do outro. Além disso, o processo de criação da imagem ambiental é resultado da observação e do modo como o observador interpreta e organiza o que vê, como dirige sua atenção, e como ele afeta e é afetado pelo ambiente. Para orientar-se o indivíduo precisa saber onde está, e identificar-se pressupõe ter alguma relação com o lugar.

Ao se mover, ou mesmo refazer um caminho mentalmente em uma explicação, o sujeito “vivencia” o espaço e os pontos referenciais o ajudam a reconhecer onde está e para onde vai. “Nosso mecanismo perceptivo é tão adaptável que cada grupo humano consegue distinguir as partes de sua paisagem, perceber e conferir significado aos detalhes significativos.” (LYNCH, 1997, p. 151)

A relação entre a cidade, seus cenários imaginários e a arquitetura, traduz-se então na criação de espaços com os quais é possível construir uma memória afetiva, pois, nesse caso, fazem ressaltar aos olhos detalhes significativos do passado. Em suas descrições, Omeletino Benatto aponta para a existência de laços de pertencimento com Londrina e o consequente sentimento de topofilia, que segundo Tuan (1980), se resume no sentimento de amor pelo lugar.

Em seu texto, referente à figura 2, o entrevistado começa a descrição indicando o possível ano e o local do acontecimento fotografado, a rua e o número. Nessa rua, atual Avenida Souza Naves, ele ainda vive com as irmãs Oulinda e Oulevantina.

Descrição escrita:

Ano de 1940 ou 1941, rua Minas Gerais 1377, casa em construção da família do Sr. João Antônio Benatto e da Sra. Josephina Lourenção Benatto e filhos. Projeto do Sr. Odilon Borges de Carvalho que foi prefeito interino de Londrina. O construtor foi o Sr. Antônio de Souza Coelho. No monte de areia, o Sr. João Antônio Benatto pode ser observado. Hoje, é nossa atual casa, pois a mesma ainda existe. No projeto original ela tinha um alpendre nos três lados: norte, frente e sul. Pode-se ver que ao cobrir a casa não foi colocado o galho de árvore em cima da mesma. Na época era muito comum, ao por as telhas sobre a casa, os pedreiros queriam a cervejada. Se o proprietário não desse era considerado “pão duro”. No caso de meu pai, o Sr. João Antônio Benatto, não aconteceu. Ele pagou uma caixa de cerveja e não ficou conhecido como pão duro, isso para orgulho da família.

Com a fotografia em mãos, o pioneiro acrescenta particularidades de sua família à descrição da imagem.

Figura 2: Construção da casa da família Benatto



Fotografia: Autor e ano desconhecidos

Fonte: Álbum da família Benatto

Entrevista:

Bem, essa é a casa que eu vivo até hoje. Essa é a minha casa, esse é meu pai [assinalado em vermelho], e os homens que estão colocando a telha em cima. Então o folclore aqui é o seguinte: os carpinteiros sempre que faziam uma casa de madeira ou sei lá o quê, quando ia cobrir, o dono sempre pagava uma cervejada, sei lá, uma caixa de cerveja e cerveja vinha em sacos com as capas chamadas polaina de capim, de trigo, não sei, ou então em caixa de madeira. Então você vê que não tem mato nenhum (em cima da casa) então quando o dono vai cobrir a casa e não pagava a cervejada, alguns dos pedreiros e carpinteiros colocavam um galho em cima da casa. E quem passava na rua falava 'puxa, esse proprietário não pagou a cervejada'. Era uma chateação, então eles deixavam o galho lá em cima antes de colocar a telha, cimento e reboque uma semana ou duas semanas e o dono ficava morrendo de vergonha porque não tinha pagado a cervejada. Então eles deixavam o galho secar e chamavam de 'pão duro'. O galho ficava duro, ficava seco. No caso do meu, aí não aconteceu porque ele pagou logo a cervejada. Porque ele não queria ser relacionado. Muito trabalhador, não queria ver o galho seco em cima da casa. (BENATTO, 2010b)<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Informação verbal. Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 21 de julho de 2010.

Novamente a história oral, com o apoio do registro imagético, instigou o entrevistado a contar histórias, tradições da cidade e recordações de família que não havia mencionado na descrição escrita. Assim como sua relação com a cidade é permeada por experiências particulares, a relação com a casa é ainda mais forte, permeada por memórias familiares. As fotografias da família, assim como as da construção da casa, são uma espécie de patrimônio simbólico, que asseguram a coesão, pertencimento, identidade e referência. "São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida" (BOSI, 2007, p. 441). As imagens fotográficas apresentam a memória familiar e permitem uma leitura da cultura da época, assim como de seus comportamentos.

Segundo Schulz (2006), habitar pressupõe uma identificação com o ambiente e a ideia está associada ao local onde a vida acontece. A família Benatto, de fato, habita a casa na atual Avenida Souza Naves, local que suscita memórias familiares e a sua própria história. O habitar não se refere simplesmente ao fato de se possuir uma residência, mas traduz-se no modo como o homem, ao se relacionar com as suas possibilidades, constrói o mundo que o circunda. No ato de habitar estão implicadas as funções de orientar-se, saber onde está, e de identificar-se, sentir-se bem ou *sentir-se em casa*, sentimento essencial para uma vida satisfatória.

No plano simbólico, o lugar liga-se a significação de um sentido social, enquanto no plano real, concreto, o lugar relaciona-se com o estabelecimento de um local onde o homem passa a existir. O lugar existe quando proporciona ou favorece experiências humanas significativas, o que requer uma relação com a natureza, com as suas origens e com sua memória. Para Tuan (1983, p. 10), ter a experiência é aprender, compreender, e significa atuar sobre o espaço podendo também criar a partir dele. A cidade ideal é aquela cuja organização facilita o reconhecimento das coisas, ou seja, o encontro ou reencontro com o familiar. Na figura 3, vista da Avenida Paraná, o pioneiro fez a seguinte descrição escrita:

Aqui é mostrado um trecho da avenida Paraná [assinalado em vermelho], hoje calçadão, entre a esquina da avenida São Paulo [assinalada em verde] e lá mais para o fim, a avenida Rio de Janeiro [assinalada em azul]. O primeiro casarão foi a agência do Banco do Brasil. Seguindo as casas comerciais, Farmácia Maria Isabel, Sorveteria Curitiba, Relojoaria Antônio Calderaro, Farmácia do Sr. Hilário Chafer, Casa Castro e Casas Pernambucanas, do lado direito da avenida Paraná, onde hoje é a praça Floriano Peixoto. O ano não sei exato, mas era antes de 1940, talvez 1938 ou 1939.

Omeletino Benatto não lembra com exatidão a data da imagem, mas recorda os pontos comerciais da época percorrendo seu “mapa mental”, colocando-os na ordem, conforme sua distribuição na rua. Os mapas mentais são criações da mente com base em informações recebidas por mecanismos perceptivos e cognitivos, em um processo de interação do indivíduo com o ambiente que ocorre de acordo com o interesse e a necessidade. O sujeito estrutura e organiza a interface entre a realidade e o mundo, selecionando informações recebidas, armazenando e conferindo significado.

O mundo percebido é “imaginado” por meio de estímulos exteriores, de acordo com os filtros culturais e pessoais, e cada pessoa pode, dessa maneira, evocar diferentes imagens da cidade. Niemeyer (1994, p. 6) afirma que esboços mentais são produtos de mapeamentos cognitivos, tendo como base diversas formas, como listas mentais de lugares de referência, elaboradas antes de se fazer um percurso. São representações do real elaboradas por um processo que relaciona percepções próprias visuais, auditivas, olfativas e lembranças.



Os mapas mentais devem ser vistos como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos do ambiente. São representações espaciais relacionadas a características do mundo real, reproduzindo lugares materiais, mas construídos pelo imaginário do sujeito. Essas imagens, denominadas a princípio de mapas cognitivos, foram “desvendados” a partir da década de 60, e Lynch foi um dos pioneiros a associar a percepção do “meio”, ao comportamento e ação humana, a partir de mapas mentais. A percepção faz com que cada pessoa apreenda determinada percepção com relação ao espaço e sua experiência de vida.

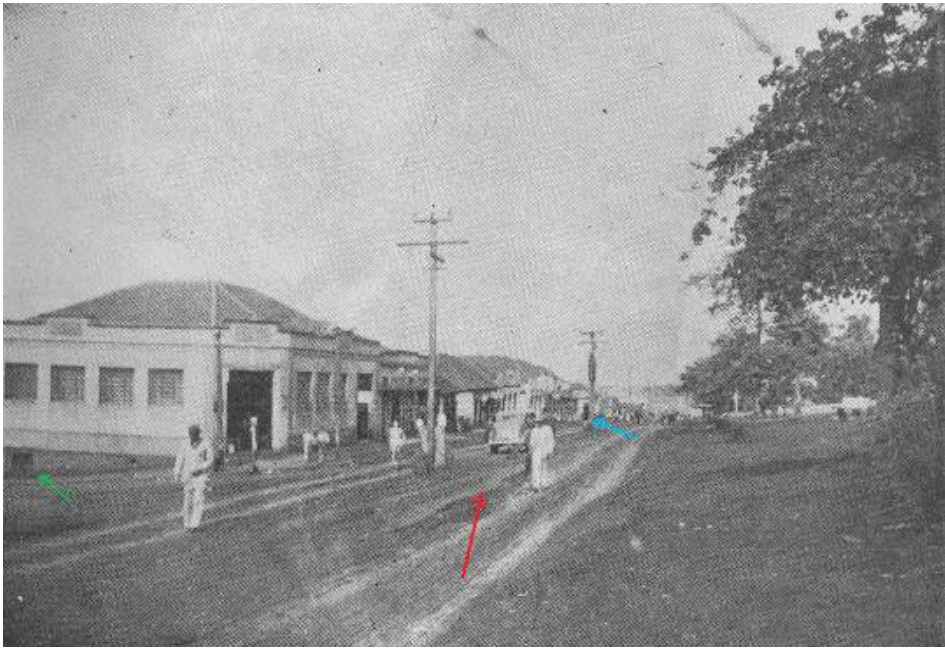
O entrevistado aponta a possível data da imagem ao identificar os postes de eletricidade, inaugurados em 1937, e ao constatar que o jardim montado em 1942 não está presente. Para ele, as informações visuais indicam que a fotografia foi tomada entre 1937 e 1942. Por meio dos elementos fotografados, ele busca situar a fotografia temporalmente. Porém, a eletricidade foi inaugurada em 1938 nesse trecho. Omeletino Benatto não demonstra preocupação ou compromisso com as datas, ao contrário das localizações, que descreve com detalhes e exatidão.

Entrevista:

Aqui nessa esquina onde está meu dedo, é a avenida São Paulo, aqui desse lado hoje tem o Banco do Brasil. Isso foi mais ou menos depois do ano de 37, porque já tinha luz elétrica, acho que foi em 39 ou 40. Então aqui você está vendo o calçadão da casa Bolívar de sapatos em direção ao Cine Ouro Verde. Essa aqui é a avenida Paraná, o calçadão, que foi fechado mais ou menos na gestão do Belinati [ex-prefeito]. Mais para frente era a Casas Pernambucanas. Vou aqui contar pra você, mas o que passou, passou. Meu pai, caminhoneiro, fornecia tijolos telhas, areia, carretos. Quando a Casas Pernambucanas construiu essa ala pra baixo e essa ala pra cima, ele forneceu material para a obra. Quando então o empreiteiro começou a não pagar os fornecedores empregados e tal, e meu pai tomou um prejuízo de 45 contos de reis. Pra você ter uma ideia o que era esse dinheiro, em 39 ele comprou essas duas datas [atual casa na rua Souza Naves] por 4 contos e 500. O prejuízo dele aqui foi de 45 contos de reis, dez vezes mais, o pai foi em São Paulo [pausa]. Note bem, quem deu prejuízo não foi as Casas Pernambucanas, mas sim o Sr. José Muter, mestre da obra, encarregado da construção, daqui ele fugiu pra São Paulo e de lá sei lá pra onde foi e o pai até hoje não recebeu. E não sei se algum dos pedreiros tenha recebido, não sei dizer. (BENATTO, 2010a)<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Informação verbal. Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann em 23 de junho de 2010.

Figura 3: Vista da Avenida Paraná



Fotografia: Autor e ano desconhecidos

Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

As expressões “aqui desse lado” e “aqui”, são utilizadas para situar o interlocutor. Enquanto na descrição escrita o pioneiro cita as lojas da região, em seu depoimento ele rememora uma história pessoal de sua família. Para explicar o valor do prejuízo de seu pai, ele usa a comparação do valor do terreno comprado na época, onde fica atualmente sua casa. A imagem fotográfica faz com que ele recorde acontecimentos familiares relacionados à cidade.

É interessante notar que as narrativas se organizam em função da imagem, seguindo a ordem dos objetos ou dos locais fotografados, “organizando” dessa forma, suas memórias. Em outros depoimentos, o entrevistado identificou também personagens, moradores, a localização de casas e costumes da época. Apesar de algumas datas não serem exatas, muitas das informações podem ser verificadas em livros sobre a história da região.

No processo de rememoração, a imagem fotográfica permite construir associações, fazendo com que o sujeito repense sua própria história. As descrições e depoimentos orais de Omeletino Benatto apontam para a existência do sentimento de pertencimento, do fazer parte e do ser participante. A emoção ao revisitar locais e fatos que envolvem o trabalho, amigos e familiares deixam claro os fortes laços afetivos do pioneiro com a cidade de Londrina.

## 8 Considerações finais

O pioneiro Omeletino Benatto, aos 81 anos (completados em 2011), mantém uma série de fotografias da época da colonização de Londrina, fotocopiadas em um álbum pessoal com descrições

escritas. Em muitas dessas imagens, coletadas em livros, matérias jornalísticas e obtidas com outros pioneiros, a história da cidade se confunde com sua própria história e de sua família, que chegou à Londrina em 25 de abril de 1934.

Esse trabalho reforça o papel da fotografia como meio de estudos antropológicos, e como fonte para recuperação histórica. Por meio dessas imagens que fixam um espaço-tempo de vida e de trabalho, Omeletino Benatto revisita histórias e relaciona os lugares aos seus empregos, à sua casa, às empresas comerciais e às pessoas de sua convivência. Em seus depoimentos, recorda fatos, tradições e certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.

O pioneiro parece querer situar o interlocutor da localização dos lugares fotografados, considerando de grande importância a lembrança dos nomes das ruas e utilizando pontos de referência para informar onde fica ou o que funciona no local atualmente. O ambiente conhecido e sua estrutura espacial facilitam sua orientação, mas é necessário que sejam constituídos pontos concretos de identificação, como igrejas, museus e estabelecimentos comerciais. Ao se mover, ou mesmo refazer um caminho mentalmente em uma explicação (percorrer os mapas mentais), o sujeito “vivencia” o espaço e os pontos referenciais o ajudam a reconhecer onde está e para onde vai.

Para Omeletino Benatto, Londrina é o lugar onde a vida acontece, e, na medida em que ele se sente autor dos fatos narrados nos depoimentos, acredita ter ação participativa na comunidade e na história da cidade. Ele pertence ao lugar, e o lugar pertence a ele, podendo interferir em sua rotina. O pioneiro, mais do que utilizar a imagem para recuperar lembranças, organiza sua narrativa a partir dos elementos fotografados e deixa transparecer em seu discurso o afeto pelo lugar de pertencimento, ou seja, a topofilia.

Com este pioneiro e sua relação com o lugar onde vive – e tantos outros casos, por semelhança – a fotografia se fortalece como instrumento de pesquisa, para estudos da antropologia visual e para a recuperação e preservação da memória. No caso de Londrina, cidade relativamente jovem, ainda é possível sorver em fontes primárias, ou seja, ouvir os sujeitos que construíram e transformaram sua história. Contudo, se faz urgente que os depoimentos dessas fontes, e seus documentos escritos e iconográficos, sejam doados, organizados, catalogados e disponibilizados em centros de estudos, museus e universidades, para acesso e consulta da população e de pesquisadores.



## Guardian of images: “photographic memories” and the relationship of belonging between a pioneer and Londrina

### ABSTRACT

From individual memories of a Londrina’s pioneer, Omeletino Benatto, this study aims to contribute to the discussion about memory, identity and belonging. For this purpose, three images were selected from the colonization period and described textually and orally by the pioneer, in the idea of photography as “memory trigger detonator” with the support of oral history technique. These images and descriptions point to a relation of belonging to the place, where he identifies himself, guided and inhabits. For the analysis some concepts were required as place, from Augé (1994), topophilia, from Tuan (1980) and considerations of authors such as Schutz, Lynch, Kossoy, Le Goff and Marques on history, photography, city and memory preservation.

**KEYWORDS:** Documentary Memory – Londrina (PR). Visual communication. Photography. Research resource. Memory trigger. Place of belonging.

## Guardián de las imágenes: “memoria fotográfica” y la relación de pertenencia de un pionero con Londrina

### RESUMEN

De las memorias individuales de un pionero de la ciudad de Londrina, Omeletino Benatto, este estudio tiene como objetivo contribuir con el debate sobre la memoria, identidad y pertenencia. Con este fin, se seleccionaron tres imágenes de la colonización descritas textualmente y en forma oral por el pionero en la idea de la fotografía como “gatillo disparador de la memoria” y con el apoyo de la técnica de la historia oral. Estas imágenes y las descripciones indican una relación de pertenencia del entrevistado con el lugar, donde el se identifica, se orienta y habita. Para el análisis se abordaron los conceptos de lugar, Augé (1994), topofilia de Tuan (1980) y las consideraciones de autores como Schutz, Lynch, Kossoy, Le Goff y Marques acerca de la historia, fotografía, ciudad y preservación de la memoria.

**PALABRAS CLAVE:** Memoria documental – Londrina (PR). Comunicación visual. Fotografía. Recurso de Investigación. Disparador de Memória. Lugar de Pertenencia.

### Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papius, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas de Londrina**. Londrina, 2010a. Entrevista concedida à Maria Luisa Hoffmann, na residência do entrevistado, no dia 23 jun. 2010. (78’50”): gravação em áudio.

\_\_\_\_\_. **Memórias fotográficas de Londrina**. Londrina, 2010b. Entrevista concedida à Maria Luisa Hoffmann, na residência do entrevistado, no dia 21 jul. 2010. (69’43”): gravação em áudio.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas I).

- BONI, Paulo César. [Editorial]. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.5, n.7, p. 9-10, jul./ago. 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSTA, Celio dos Santos. **Leitura de imagens para arquivos fotográficos**: uma proposta de recuperação histórica da Feira do Produtor de Londrina. 2011. 91f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, 2011.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O Fotográfico**. 2 ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005, p. 39-45.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O Fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p.33-38.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARQUES, Otacílio Guedes. Informação histórica: recuperação e divulgação da memória do poder judiciário brasileiro. In: MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos (Orgs.). **Imagem, memória e informação**. Brasília: Ícone, 2010.
- MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PADRE CARLOS WEISS. **Acervo fotográfico**. Londrina, 2010. 16 fotografias.
- NIEMEYER, Ana Maria de. Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia. **Textos Didáticos**, Campinas, n. 12, jan. 1994.
- SCHULZ, Christian Norberg. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma Nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, p. 441-461.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores no meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

#### **Paulo César Boni**

*Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP).  
Professor e Coordenador do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
E-mail: pcboni@sercomtel.com.br*

#### **Maria Luisa Hoffmann**

*Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP).  
E-mail: maluhoffmann@usp.br*